

Da trajetória secular aos novos caminhos do guaraná: desafios e perspectivas da produção na Amazônia do século XVII ao século XXI

Da trajetória secular aos novos caminhos do guaraná: desafios e perspectivas da produção na Amazônia do século XVII ao século XXI

From the secular trajectory to the new ways of guaraná: challenges and perspectives in the production in the Amazon from the 17th century to the 21st century

Arenilton Monteiro Serrão - UFAM¹

arenilton2@gmail.com

Manuel de Jesus Masulo da Cruz - UFAM²

masulo@bol.com.br

Luis Fernando Belém da Costa – UFAM³

luis.geouea@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho teve por objetivo compreender a trajetória secular da cultura do guaraná (*Paullinia cupana*) na Amazônia, destacando entre os aspectos, os primeiros contatos entre povos autóctones e colonizadores europeus, de modo a compreender como se constituiu historicamente a produção do guaraná, que outrora era exclusividade do povo indígena Sateré-Mawé, às formas monopolistas impostas pelas grandes indústrias de bebidas na atualidade. A pesquisa é de cunho bibliográfico e elementos de suas discussões partem de estudos mais amplos. Dificilmente se comentará do guaraná sem nos remetemos aos criados dessa cultura, o povo indígena Sateré-Mawé. A origem de seu povo, envolto de mitos e lendas vem com o surgimento dessa planta, o “waranã”, que representa não só valores simbólicos, mas também cultural e socioeconômico. Detentores de tecnologias sociais de produção mantiveram por muito tempo exclusividade no processo produtivo, no entanto, o contato com os colonizadores europeus e outros agentes externos modificaram essas relações, parte de seus conhecimentos foram apropriados e o produto já imbuído em uma lógica de produção ganha o mundo e vira especiaria cobiçada pelas indústrias, em especial de bebidas, medicamentos e cosméticos, passando a integrar um produto de grande valor econômico. Partes das relações produtivas hoje se dão na forma monopolista, criando e recriando verdadeiras territorialidades e inserindo lógicas de produção e comercialização aos agentes tradicionais (indígenas e camponeses), acompanhado lado a lado pelas estruturas estatais e privadas e pelos avanços da biotecnologia.

Palavras-chave: Amazônia. Sateré-Mawé. Guaraná. Monopolização

Abstract:

The present work had as objective to understand the secular trajectory of the culture of guaraná (*Paullinia cupana*) in the Amazon, highlighting among the aspects, the first contacts between autochthonous peoples and European colonizers, in order to understand how was historically constituted the production of guaraná that once Exclusivity of the Sateré-Mawé indigenous people to the monopolistic forms imposed

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas

² Prof. Dr. do Departamento de Geografia e do programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas

³ Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas

by the major beverage industries today. The research is of a bibliographic nature and elements of its discussions depart from wider studies. We hardly speak of guaraná without referring to the true servants of this culture, the Sateré-Mawé indigenous people. The origin of its people, wrapped in myths and legends comes with the emergence of this plant, the "waranã", which represents not only symbolic but also cultural and socioeconomic values. Holders of social technologies of production have long maintained exclusivity in the productive process, however, contact with European settlers and other external agents has modified these relations, part of their knowledge was appropriate and the product already imbued with a winning production logic. The world and turns spice coveted by industries, especially beverages, medicines and cosmetics, to integrate a product of great economic value. Parts of productive relations today take place in monopolistic form, creating and recreating real territorialities and inserting logics of production and commercialization to the traditional agents (indigenous and peasants), accompanied side by side by the state and private structures and the advances of biotechnology.

Key-words: Amazon. Sateré-Mawé. Guarana. Monopolisation

Introdução

A região amazônica abriga um complexo sistema de interação da vida animal, vegetal e humana. Considerada um dos maiores biomas do mundo e, também, o maior domínio de vegetação brasileira (Ab'Saber, 2003), se destaca no cenário mundial pelo seu quadro natural e pela exuberância de seu ecossistema. Enfatizamos, porém que as complexidades amazônicas não se restringem apenas aos fatores naturais encontramos aqui uma grande diversidade sociocultural, entre os quais daremos destaque aos povos originários, também conhecidos como índios ou indígenas. Criadores de culturas fantásticas, destacaremos em especial aos detentores da cultura do guaraná, os Sateré-Mawé ou como os próprios se reconhecem "os filhos do Waranã".

Historicamente foram os Saterés que disseminaram a cultura do guaraná pela Amazônia, primordialmente como elemento social, cultural e alimentar, desenvolvendo uma verdadeira territorialidade no uso da terra, das técnicas e da produção. Essa territorialidade é marcada ainda pelo significado e pela história que tem o guaraná enquanto atividade de trabalho e patrimônio cultural.

No entanto a cobiça dos colonizadores se fez presente ao conhecerem os benefícios e valores econômicos que esse produto poderia trazer se incorporado a uma lógica de mercado. Eis o grande dilema do guaraná e dos Sateré-Mawé, o produto ganha fama e rompe os limites locais, adentrando a Europa e a outros centros consumidores.

Como a pesquisa bibliográfica se ateve aos processos produtivos e comerciais do guaraná do século XVII até a atualidade e as mudanças estruturais criadas pelo grande capital do setor de bebidas, encontramos elementos que não dissociados dos acontecimentos mundiais foram importante nas retomadas de novos padrões produtivos, financeiros e espaciais, entre os quais a indústria do guaraná no município de Maués se inseriu a partir da década de 1970 com a instalação da fábrica de extrato, atuando diretamente na produção e comercialização do guaraná.

Harvey (2005) argumenta sobre os principais aspectos do capitalismo a partir da década de 1970, em especial do capital financeiro e dos circuitos da produção material, em um dos capítulos intitulado “A arte da Renda: globalização e transformação da cultura em *commodities*” o autor argumenta sobre as várias facetas do capital, inclusive ao transformar elementos culturais em mercadoria.

É inegável que a cultura se transformou em algum gênero de mercadoria, no entanto, como produtos muito especiais, não sendo possível comparar com mercadorias normais. Talvez façamos isso porque somente conseguimos pensar a seu respeito como produtos ou eventos que estão em um pano mais elevado da criatividade e do sentido humano (HARVEY, 2005, p. 221).

Dessa forma, transformações em escala de produção foram sendo alteradas, marcas que ficaram evidentes pelo avanço do capitalismo no espaço e no tempo. Por muito tempo, o guaraná se manteve como um elemento cultural de uso exclusivo de um povo, atribuído de valores simbólicos, religiosos, culturais, alimentares entre outras utilidades, passando com o tempo a ter importância econômica, já inserida na lógica de mercadoria, perdendo assim, a exclusividade, passando a outros sujeitos sociais a herança de um trabalho secularmente preservada.

Ao fazer tais processos, o capital transformou a produção do guaraná em renda monopolista da terra, pois a mesma surge quando determinados grupos sociais podem aumentar seu fluxo de renda por muito tempo, em virtude do controle exclusivo sobre algum item, direta ou indiretamente, comercializável, que é, em alguns aspectos crucial, único e irreplicável (HARVEY, 2005).

MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa é de cunho bibliográfico e os elementos de suas discussões partem de estudos mais amplos sobre a temática amazônica. O principal guia metodológico é obra de Homma (2014) onde o autor enfatiza a evolução do extrativismo na Amazônia, com destaque para a produção do guaraná no espaço e no tempo. A pesquisa tem por base compreender a trajetória secular e as transformações no processo produtivo às formas monopolista na atualidade.

Uso tradicional local do guaraná na Amazônia (Séc. XVII ao Séc. XX)

O processo de “ocupação” e consolidação territorial nas confluências do Rio Amazonas se dar em meados do século XVII e XVIII. Ligados a fatores econômicos e estratégicos de dominação territorial, tinha também objetivos econômicos, pois visavam reconhecer as riquezas para depois explorá-las.

Visto que, ao se depararem com produtos naturais de grande apreço e valoração econômica, a região passa a ser cobiçada pelos exploradores, em sua maioria por portugueses e espanhóis. Com auxílios de povos nativos, a exploração foi possível, o extrativismo vegetal denominado “Drogas do sertão” por séculos se firmou como principal atividade e atrelou a economia local à economia mundial.

A Amazônia, o Brasil, e os demais países latino-americanos são as mais antigas periferias do sistema mundial capitalista. Seu povoamento e desenvolvimento foram fundados de acordo como paradigma de relação *sociedade-natureza*, significando com isso que o crescimento econômico é visto como linear e infinito, e baseado na contínua incorporação de terra e de recursos naturais, que são também percebidos como infinitos (BECKER 2004, p. 71).

E entre esses recursos naturais com manipulação antrópica estava o guaraná (*Paullinia cupana* Kunth var. *sorbilis*). Sua domesticação é atribuída segundo Atroch (2009) ao povo indígena Sateré-Mawé que habitavam o norte da região amazônica, entre os rios Madeira e Tapajós, na fronteira entre os atuais estados do Pará e Amazonas (figura 01).

Da trajetória secular aos novos caminhos do guaraná: desafios e perspectivas da produção na Amazônia do século XVII ao século XXI

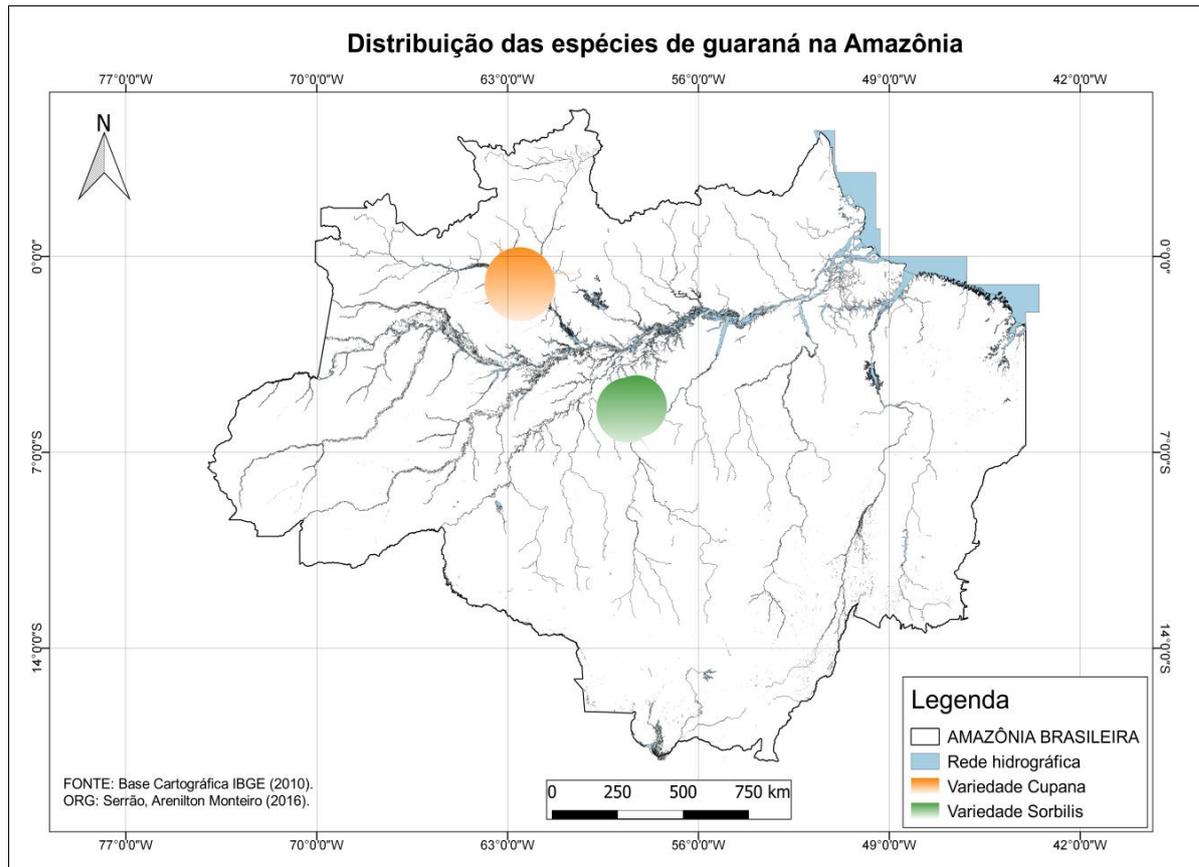


Figura 01: Distribuição das variedades *Cupana* e *Sorbilis* na Amazônia. Fonte: IBGE (2010). Organizador: Serrão, A. M (2016).B

Caracterizando segundo Lorenz (1992) o modo que a própria história desse povo está atribuída ao surgimento dessa planta, envolto de lendas e mitos, as quais se consideram os filhos do guaraná. Percebe-se então um verdadeiro território indígena do guaraná, onde a herança mais significativa desse povo foi a “descoberta” do guaraná e os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo a partir de seu cultivo (ALMEIDA, 2007).

Essas informações foram importantes para novas técnicas fossem desenvolvidas e posteriormente incorporadas pelos camponeses amazônicos e mais tarde pelas indústrias de bebidas, energéticos, medicamentos. Acredita-se que a importância do guaraná na organização social e econômica foi fator preponderante para o desenvolvimento da vocação dos Sateré-Mawé para o comércio. Sua importância perpassa os limites comerciais, criando um modo específico de organização social, atribuindo territorialidades próprias. Para Uggé (1991), o índio Sateré que tem guaranazal pode formar família, se tornar respeitado e estimado pelos outros. Quando o índio tem casa perto do guaranazal praticamente fica

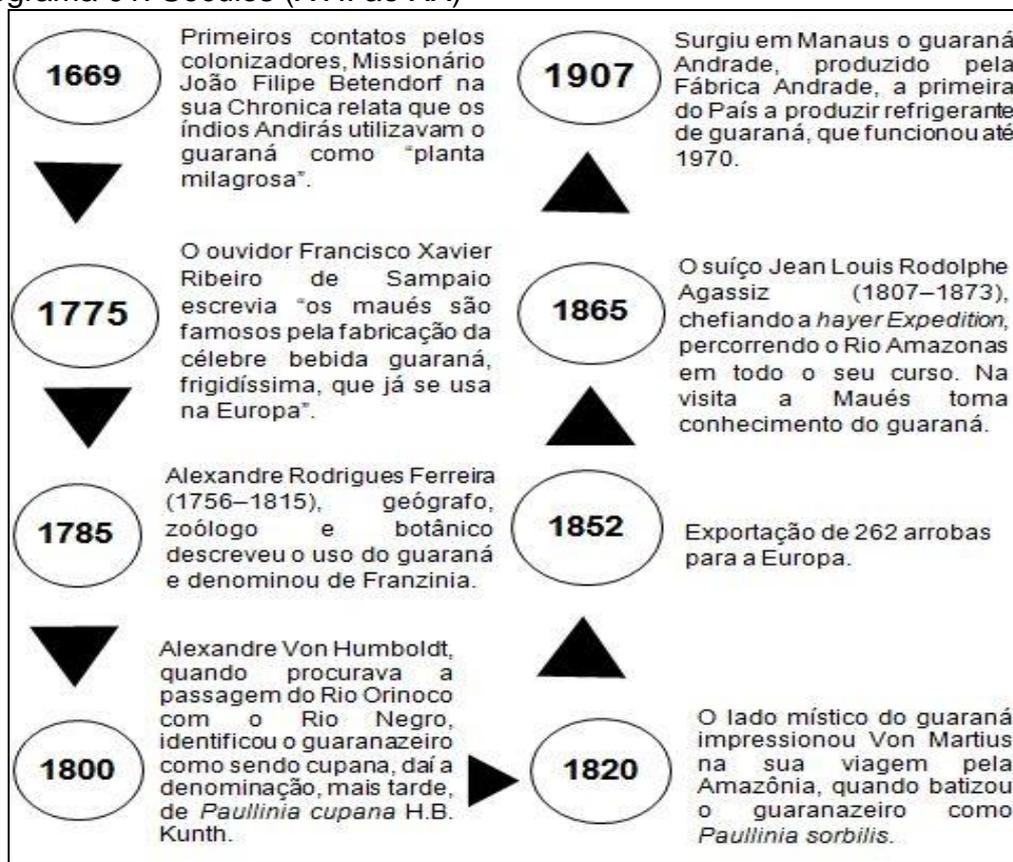
Da trajetória secular aos novos caminhos do guaraná: desafios e perspectivas da produção na Amazônia do século XVII ao século XXI

"enraizado" (WARA) naquele lugar. Além do fator cultural, o guaraná também tem importância religiosa.

O guaraná é uma bebida religiosa, uma bebida sagrada. Cada vez que você toma çapó, você está comungando com a sua origem. E eles bebem muito guaraná também por ser estimulante. Você vai caçar, bebe guaraná. Vai pescar, bebe guaraná. Sai de uma aldeia e vara a mata para chegar em outra aldeia, você toma guaraná, o guaraná também corta a fome (ALMEIDA, 2007. p. 16).

No entanto, vários eventos marcaram a história econômica do guaraná na Amazônia, como salientado por Homma (2014. p. 307), na obra "Extrativismo vegetal na Amazônia: história, ecologia, economia e domesticação". Na obra o autor enfatiza a cronologia do uso do guaraná no sistema tradicional, a economia baseada no extrativismo, a domesticada e a sua transformação em produto nacional. Cita também os fatores regionais, nacionais e internacionais, separando-os em fases distintas e definindo a sua inserção no contexto do desenvolvimento agrícola regional, como mostrado no (fluxograma 01).

Fluxograma 01: Séculos (XVII ao XX)



Fonte: Homma (2014). Organização: Arenilton Monteiro, 2016.

Salientando que os três primeiros séculos de produção do guaraná são de domínio exclusivo do povo Sateré-Mawé, sendo que a primeira descrição se deu em 1669, época dos primeiros contatos com os europeus, por meio da instalação de aldeamentos jesuíticos, como contextualizado por Almeida (2007. p. 12)

Têm os andirazes em seus matos uma frutinha que chamam guaraná, a qual secam e depois pisam, fazendo dela umas bolas, que estimam como os brancos a seu ouro, e desfeitas com uma pedrinha, com que as vão roçando, e em uma cuia de água bebida, dá tão grandes forças, que indo os índios à caça, um dia até o outro não têm fome, além do que faz urinar, tira febres e dores de cabeça e câimbras”, relatou o Padre João Felipe Betendorf.

Antes mesmo de 1775, já havia uma rota comercial do guaraná com os cuiabanos e esses com as cidades bolivianas, fazendo assim como a cana-de-açúcar e outras matérias-primas, parte da exportação brasileira (MONTEIRO, 1965). Em meados do século XIX, o guaraná já era conhecido e consumido no velho mundo. Segundo Homma (2014), em 1852, 262 arrobas foram exportadas para a Europa. As propriedades desse produto eram usadas na medicina “Ha pouco tempo foi ele introduzido na prática medical na França, pelo Dr. Hervé. Ali se têm evidenciado seus bons efeitos nas diarréias agudas ou crônicas.” (LANGGAARD, 1865, p. 53).

Da economia centrada no extrativismo para o processo tecnificado

O século XX marca uma nova história do capitalismo e suas transformações na busca de novos mercados e novas necessidades. Produtos advindos de culturas seculares são transformados em *commodities*, onde segundo Harvey (2005) embora a singularidade e a particularidade sejam cruciais para a definição de qualidades especiais, significa que item algum pode ser tão especial, que não possa ser transformado em renda capitalista.

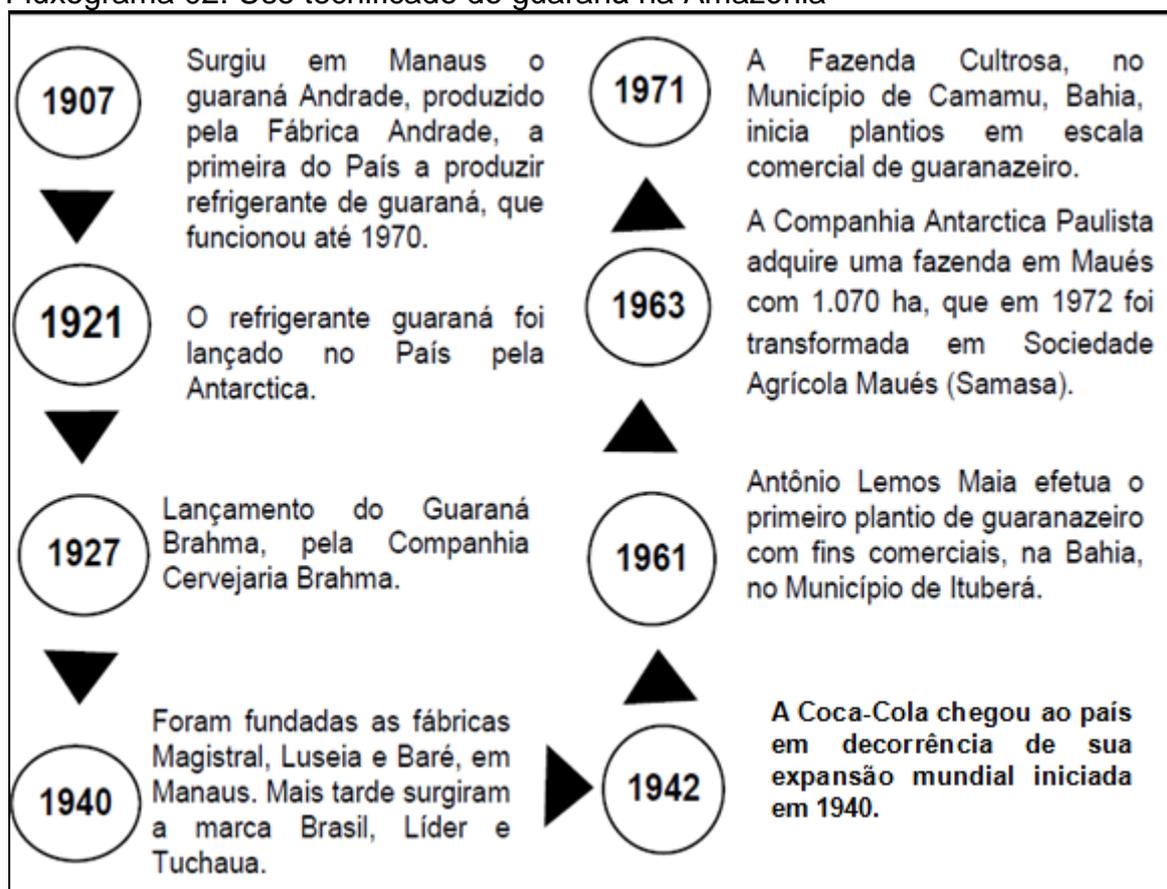
Não diferente de outros produtos especiais e únicos, o guaraná adentra a essa nova lógica, impulsionada por uma crescente demanda e aceitação em forma de bebida. Historicamente o estado do Amazonas e em especial o município de Maués deteve até meados da década de 1990 o monopólio da produção comercial do guaraná do Brasil.

Pela importância que o município assume em relação às demandas por essa nova riqueza genuinamente amazônica, algumas empresas dos setores de bebidas,

Da trajetória secular aos novos caminhos do guaraná: desafios e perspectivas da produção na Amazônia do século XVII ao século XXI

em especial a Fábrica Andrade de Manaus e posteriormente a Empresa Paulista Antártica começam a comercializar e instalar suas fábricas de extratos de guaraná advindos principalmente dos indígenas e ribeirinhos (CARNEIRO, 2013). Como mostrado no (fluxograma 02), a bebida extraída pelos indígenas a séculos, começa a entrar em processo de tecnificação com as primeiras fábricas de refrigerantes que surgiram nas primeiras décadas século XX.

Fluxograma 02: Uso tecnificado do guaraná na Amazônia



Fonte: Homma (2014). Organização: Arenilton Monteiro, 2016

A partir da década de 1960-70 alguns eventos impulsionaram a demanda pelo produto a nível local e nacional, a começar pela Lei dos Sucos, implementada pelo então ministro da Agricultura Luís Fernando Cirne Lima por meio do Decreto-Lei 5.823, assinado em 14 de novembro de 1972 (HOMMA, 2014).

Segundo essa lei, todo refrigerante que levasse o nome do produto natural deveria conter limites máximo e mínimo para proteger o consumidor contra produtos

Da trajetória secular aos novos caminhos do guaraná: desafios e perspectivas da produção na Amazônia do século XVII ao século XXI

artificiais, muito em voga naquela época. A consequência da lei foi a oligopolização⁴ das grandes indústrias de bebidas, uma vez que as pequenas indústrias baseadas em sucos artificiais não tiveram condições de atender à legislação.

No caso do guaraná, o cumprimento dessa legislação criou uma grande demanda por esse produto, em especial no município de Maués, maior produtor até então, fazendo com que a Companhia Antarctica Paulista adquirisse uma fábrica de extrato de guaraná (figura 02) em 1963 na cidade e em 1973 uma fazenda com 1.070 ha, denominada de Santa Helena para a produção de mudas e pesquisas em melhoramento genético.

A empresa, então, desenvolveu um projeto em caráter de urgência para instalar uma fábrica de extrato em Maués – seu maior fornecedor de guaraná. Construída a fábrica, o desafio seguinte consistiu em fomentar a produção local, já que os resultados obtidos com o cultivo tradicional mostravam-se insuficientes para as necessidades da indústria (ALMEIDA, 2007, p. 49).



Figura 02: Fábrica de extrato Guaraná Antarctica em Maués. Fonte: Fernando, 2013.

Ligado a esses fatores, deflagrou-se a primeira grande demanda pelo guaraná na Amazônia. Surgiram então novas áreas produtoras em clima de grande otimismo, alardeado por diversos artistas e personalidades públicas, ligados principalmente aos benefícios do uso do guaraná em pó, diariamente manifestado

⁴Oligopólio é um termo utilizado em economia que deriva do grego, onde *oligo* significa poucos e *polens* significa comércio. Este termo é usado quando um grupo de empresas domina o comércio de um determinado produto ou serviço (fonte: suapesquisa.com).

na mídia. O município de Maués deixa de hegemonizar a produção e o guaraná ganha novos caminhos. Como salientada por Figueroa (2016) o consumo do guaraná saiu da área de distribuição da espécie e se expandiu até se tornar conhecido por todo o Brasil e, em escala diversa, também por países vizinhos, principalmente na Bolívia, Argentina, Paraguai, Peru, Colômbia e Venezuela.

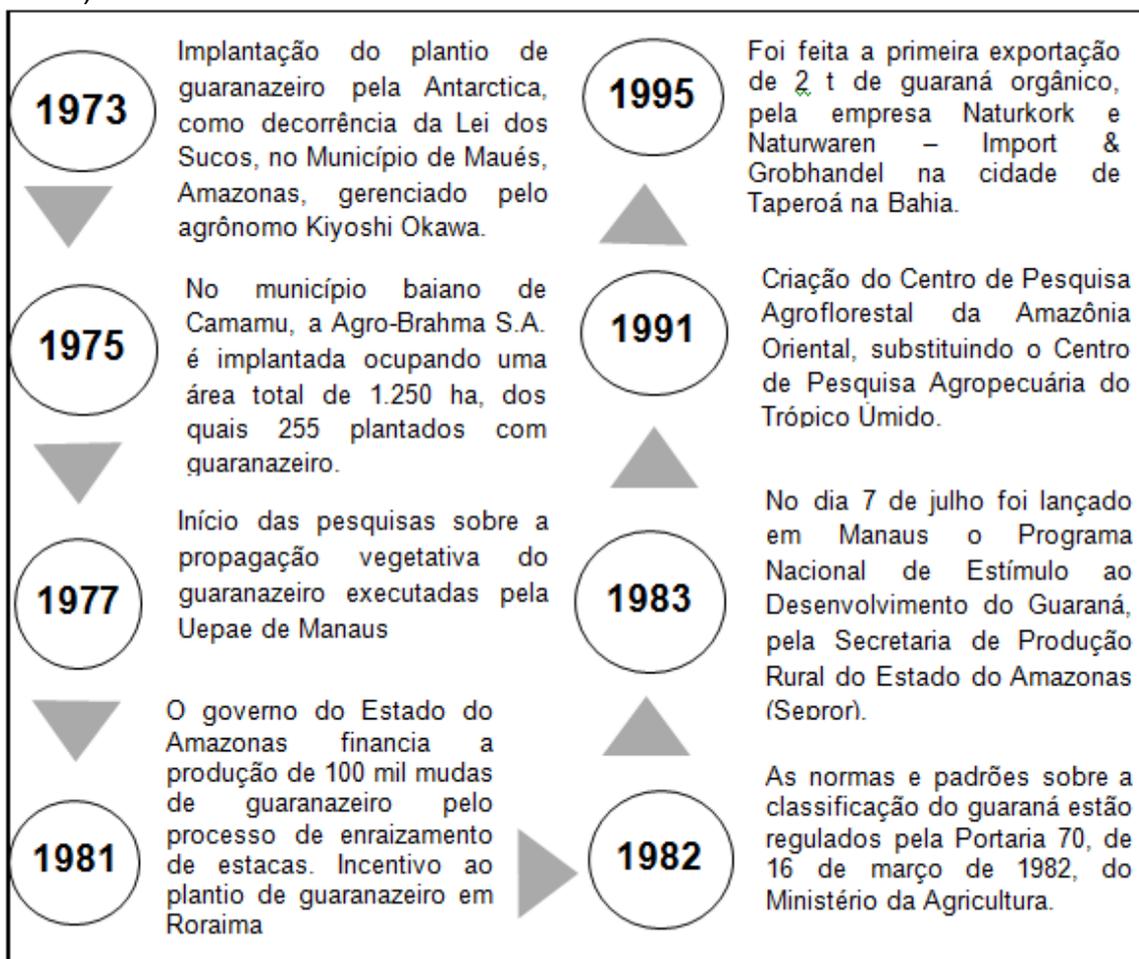
A atuação do meio técnico-científico e as novas *commodities* do guaraná

Também conhecida como “fase domesticada” em alusão ao melhoramento genético que obteve a espécie *Paullinia cupana*. A década de 1970 é marcada por inúmeras pesquisas no campo agrônomo, de modo a transformar geneticamente e criar novas variedades cada vez mais resistentes a doenças, aumentando assim sua viabilidade econômica. Podemos destacar o papel da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), que até 2013 já havia lançado 18 cultivares voltadas para o aumento da produtividade e para a resistência a doenças, transformando a produção do guaraná em larga escala, como contextualizado por Santos (2006, p. 159).

Essa união entre técnica e ciência vai dar-se sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência e a técnica, torna-se um mercado global. A ideia de ciência, a ideia de tecnologia e a ideia de mercado global devem ser encaradas conjuntamente e desse modo podem oferecer uma nova interpretação à questão ecológica, já que as mudanças que ocorrem na natureza também se subordinam a essa lógica.

No entanto, a grande demanda pelo produto forçará novas áreas produtivas. Os guaranazais de Maués começam a mostrar sinais de decadência em decorrência de alguns fatores naturais e técnicos, perdendo gradativamente seu posto de maior produtor de guaraná do Brasil para outros pólos produtores, a destacar o estado da Bahia, que posteriormente assumirá a hegemonia produtiva e comercial, como mostrado no (fluxograma 03).

Fluxograma 03. Dispersão e perda da hegemonia do Estado do Amazonas (1970-1995)



Fonte: Homma,2014. Organização: Arenilton Monteiro, 2016.

No entanto, esse novo marco, voltado principalmente para as pesquisas e melhoramentos genéticos tem mudado aos poucos toda uma lógica de conhecimento e saber cultural secularmente acumulado.

A difusão das variedades melhoradas, como quadro de referência para a modernização, enfrentou recentemente mudanças de paradigmas (requalificação dos saberes locais, reconhecimento do seu papel na conservação, renovação da diversidade agrícola e a territorialização da ação pública) que impulsionaram os atores da pesquisa agrônoma e da assistência técnica a adaptarem suas estratégias à realidade dos agricultores (TRICAUD, *et al* 2016, p. 12).

Até hoje os guaranicultores tradicionais segundo Almeida (2007) são resistentes às mudanças. Uma parte nega que as novas técnicas tragam vantagens para a cultura do guaraná. Eles também reclamam da falta de orientação, do recebimento tardio de mudas e afirmam que a qualidade final do guaraná plantado

Da trajetória secular aos novos caminhos do guaraná: desafios e perspectivas da produção na Amazônia do século XVII ao século XXI

segundo as tradições ainda é superior a do que usa as novas técnicas, no caso o clonado (figura 03).



Figura 03: experimento de guaraná clonado realizado pela Embrapa. Fonte: Embrapa (2010).

Até os anos 1990, a empresa (Antarctica) focou na melhoria de sua linha de produção. Sua atividade dupla (produção e industrialização da matéria-prima) permitiu a ela o controle da cadeia produtiva, fazendo com que se tornasse o principal comprador de guaraná produzido localmente. A empresa aderiu aos indígenas e camponeses a uma nova lógica de produção e reprodução do capital, através do processo de monopolização do território, procurando uma forma de lucrar comprando-lhe apenas a produção e ditando o preço sobre o produto, ao invés de expropriá-los, como salientado por Paulino (2012, p. 106) na qual

O que está em jogo são as estratégias por meio das quais os capitalistas se apropriam da riqueza gerada unicamente pelo trabalho, acredita-se ser necessário partir para a distinção entre as relações tipicamente capitalistas, nas quais a equação salarial garante a sua apropriação, das formas não tipicamente capitalistas, em que não é o trabalho, mas o produto que o contém, que irá compor a taxa de lucro dos capitalistas.

Nota-se então uma nova configuração ao uso e destinação do guaraná agora atrelado ao capital nacional e internacional, passando de um elemento outrora

Da trajetória secular aos novos caminhos do guaraná: desafios e perspectivas da produção na Amazônia do século XVII ao século XXI

cultural, alimentar e social de um determinado povo a uma mercadoria incorporada à lei da oferta e da procura pelas indústrias capitalistas. Nota-se então que a empresa por ser um ator de poderio econômico atrelado ao capital internacional, modifica toda uma lógica produtiva no território, a tal ponto de influenciar os políticos locais, que pretendiam divulgar a região de Maués, terra natal da planta, como a capital mundial do guaraná (TRICAUD, *et al* 2016).

A arte da renda monopolista e a transformação em um produto externo

A segunda grande demanda pelo guaraná na Amazônia descortinou com a fusão da Companhia Antarctica e da Companhia Cervejaria Brahma, ocorrida em 1º julho de 1999, que resultou na AmBev – Companhia de Bebidas das Américas. Atrelado ao melhoramento genético, aumento da produtividade e uma crescente demanda pelo produto, o guaraná deixou de ser apenas um produto de exclusividade nacional e passou a atrair novos mercados externos (figura 04).



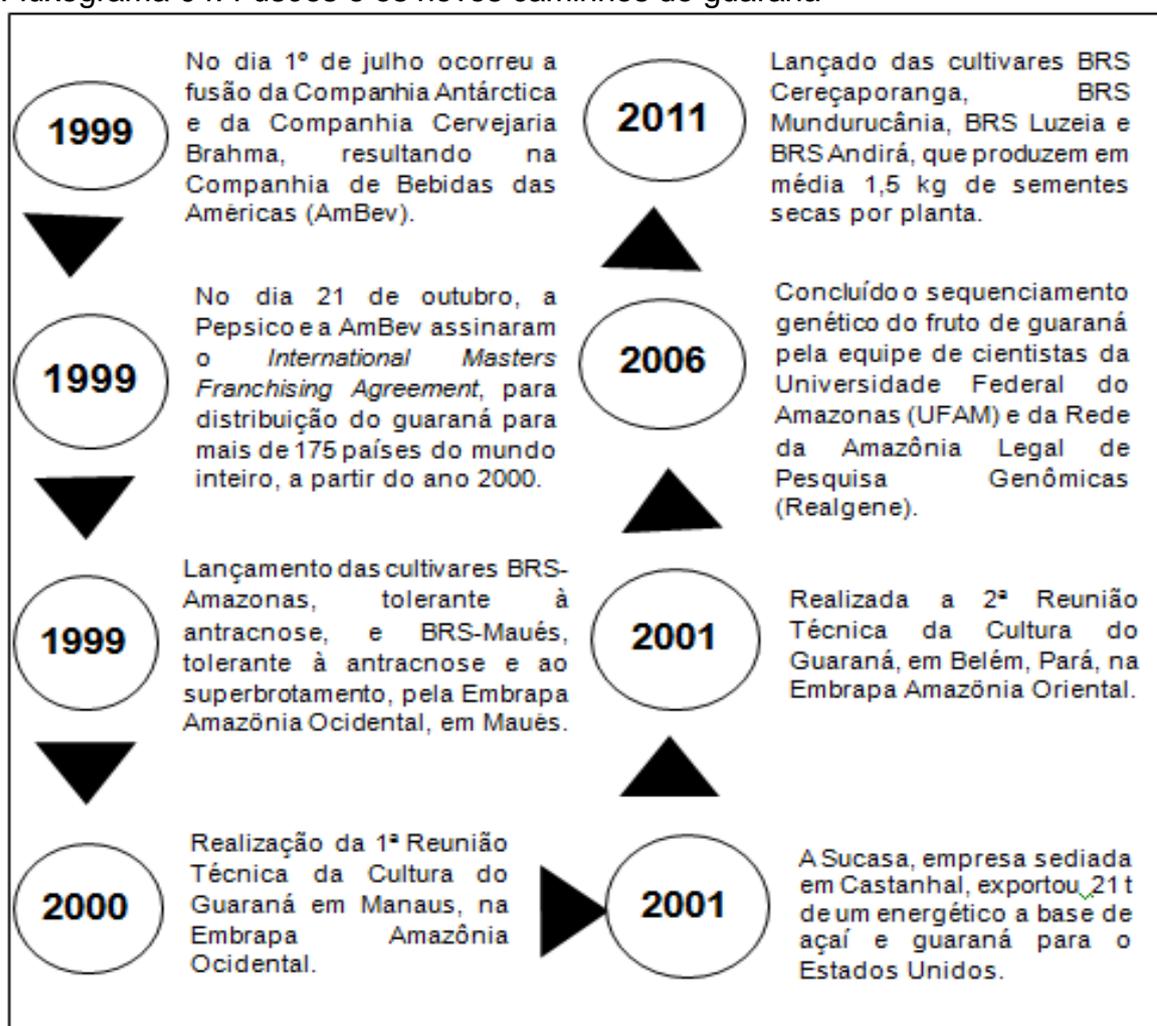
Figura 04: Marca mundialmente conhecida de guaraná da Amazônia. Fonte: Portalamazônia, 2013.

Enfatizando que, as fusões do mundo capitalista atendem aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais, através do processo de globalização (SANTOS, 2006).

Da trajetória secular aos novos caminhos do guaraná: desafios e perspectivas da produção na Amazônia do século XVII ao século XXI

O acordo que a AmBev efetuou com a PepsiCo Inc., assinado em 21 de outubro de 1999, em que o presidente Fernando Henrique Cardoso foi o primeiro a tomar conhecimento dessa novidade, comprometendo-se a distribuir o guaraná para mais de 175 países, transformando esse produto em escala planetária. Esse acordo previa a exportação do *sabor do Brasil* para o mundo a partir do ano 2000 (fluxograma 04).

Fluxograma 04. Fusões e os novos caminhos do guaraná



Fonte: Homma (2014). Organização: Arenilton Monteiro, 2016.

Esse período marca também a decadência produtiva do estado do Amazonas, em especial do município de Maués que por séculos se manteve hegemônico, surgindo novos centros produtores a destacar o estado da Bahia que desde a década de 1990 se tornou o maior produtor brasileiro, em decorrência

principalmente de fatores ligados às pesquisas agrônômicas, renovação dos guaranazais e a produção em grande escala.

Dessa forma, o guaraná deixou de ser um produto genuinamente Sateré-Mawé e tornou-se uma marca conhecida mundialmente, onde *marketing* principal cavalga em alusão a sua indicação geográfica, como parte integrante de uma cultura indígena secular amazônica, e a venda dessa imagem é um fator preponderante na arte da acumulação do capital sobre a essa cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo apresentar alguns elementos que compunha a trajetória secular do guaraná (*Paullinia cupana*) na Amazônia, primeiramente como elemento sociocultural, alimentar e medicinal do povo originário Sateré-Mawé, os quais se consideram os filhos do guaraná e conseqüentemente pelas relações capitalistas que são criadas em torno dessa herança cultural, transformando com o passar do tempo em mercadoria pelas indústrias de bebidas, modificando toda uma esfera social, política e econômica até então existente.

Nos primeiros séculos da colonização européia, as trocas comerciais do guaraná eram realizadas entre os Saterés e os mercadores cuiabanos, que adquiriam o guaraná e em troca lhes forneciam produtos oriundos das grandes metrópoles (pentes, espelhos e outros produtos supérfluos) em um sistema que por muito tempo se manteve vivo na Amazônia – o sistema de escambo.

Com o passar do tempo o guaraná se torna conhecido não só no Brasil, assim como nos países vizinhos e Europa, começando uma nova trajetória, no entanto, sua produção ainda voltada para uma atividade extrativa e tradicional, com elementos culturais presentes em todos os processos (seleção das mudas, tratos, secagem, torrefação, assim como a fabricação dos bastões e consumo) pendurando essa atividade até meados do século XX, onde entraremos em uma nova lógica produtiva, agora ligada aos grandes monopólios de bebidas.

Na segunda metade do século XX a produção do guaraná entra em uma nova lógica, ligada principalmente aos avanços das pesquisas na biotecnologia e das mudanças legisladoras que impulsionarão a demanda pelos produtos naturais usadas em sucos e refrigerantes, ligadas principalmente a Lei dos Sucos na década

Da trajetória secular aos novos caminhos do guaraná: desafios e perspectivas da produção na Amazônia do século XVII ao século XXI

de 1970, na qual vamos ter a primeira grande demanda pelo produto nos estados produtores.

Por muito tempo o município de Maués se manteve no topo da produção em escala comercial no Amazonas e do Brasil e acabou atraindo inúmeros investimentos estatais e privados, principalmente com a instalação da Empresa Paulista Antártica na década de 1960 e da compra da Fazenda Santa Helena (campo experimental e pesquisa genética) do guaraná na década de 1970, com isso, os investimentos governamentais voltados para o campo técnico-científico chegaram à região, como a Embrapa, Emater (atual IDAM), Sepror (Secretaria de Produção Rural) entre outros, assim também como os sistemas financeiros públicos e privados (Banco do Brasil, Banco da Amazônia, Bradesco, Caixa Econômica).

Dessa forma, a dialética geográfica está em constante mutação, à história do capitalismo e suas contradições no espaço geográfico não se dão linearmente, mais imbuída de inúmeros arranjos sociais, políticos e ideológicos, arranjos que possibilitam a produção e reprodução da arte da renda, atrelados principalmente aos aparelhos estatais, modificam toda lógica social secularmente produzida, transformando elementos culturais em mercadoria.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

ALMEIDA, Juliana. **Memória dos brasileiros: saberes e fazeres: o guaraná de Maués.** São Paulo: Museu da Pessoa, 2007.

ATROCH, A. L. **Avaliação e seleção de progênies de meios irmãos de guaranzeiro (*Paullinia cupana* var. *sorbilis*(Mart.) Ducke) utilizando caracteres morfo-agronômicos** – Manaus: UFAM/INPA. Tese apresentada ao Programa Integrado de pós-graduação em Biologia Tropical-2009.

BECKER, Bertha. **A Geopolítica na virada do milênio: logística e desenvolvimento sustentável.** In: CASTRO, Iná; COSTA GOMES, Paulo; CORREA, Roberto. (Org.). *Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.*

CARNEIRO, A.P. **Memórias da cidade de Maués.** Maués: ed./ Sec, 2013.

Da trajetória secular aos novos caminhos do guaraná: desafios e perspectivas da produção na Amazônia do século XVII ao século XXI

Conceito de Oligopólio. Disponível em:

http://www.suapesquisa.com/o_que_e/oligopolio.htm. Acesso no dia 06 de julho de 2016.

FIGUEROA, Alba Lucy Giraldo. **Guaraná, a máquina do tempo dos Sateré-Mawé**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 11, n. 1, p. 55-85, jan.-abr. 2016.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **Extrativismo vegetal na Amazônia: história, ecologia, economia e domesticação** – Brasília, DF: Embrapa, 2014.

Imagem da marca guaraná Antartica. Disponível em: <http://portalamazonia.com>. Acesso no dia 07 de julho 2016.

LANGGAARD, Theodoro J. H. **Dicionário de medicina domestica e popular**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865. 3 vol.

LORENZ, S. **Sateré-Mawé: os filhos do guaraná**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Antropogeografia**. Cadernos da Amazônia: conselho nacional de pesquisa. Manaus, 1965.

PAULINO, Eliane Tomiase. **Por uma geografia dos camponeses**. São Paulo: 2ª ed. editora da UNESP, 2012.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos**. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos).

TRICAUD, S.; PINTONI, F.; PEREIRA, H. S. **Saberes e práticas locais dos produtores de guaraná (*Paullinia cupana* Kunth var. *sorbilis*) do médio Amazonas: duas organizações locais frente à inovação**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 11, n. 1, p. 33-53, jan.-abr. 2016.

UGGÊ, Henrique. **As bonitas histórias dos Sateré-Mawé**. Imprensa oficial do Estado do Amazonas, Manaus, 1991.

*Artigo recebido em 25 de novembro de 2016
Avaliado em 08 de abril de 2017
Aceito em 11 de abril de 2017
Publicado em 15 de maio de 2017*